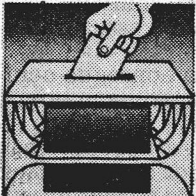


Candidatos passam no teste do debate

Preocupados com Sílvio Santos, concorrentes evitam arranhar imagem na reta final da campanha



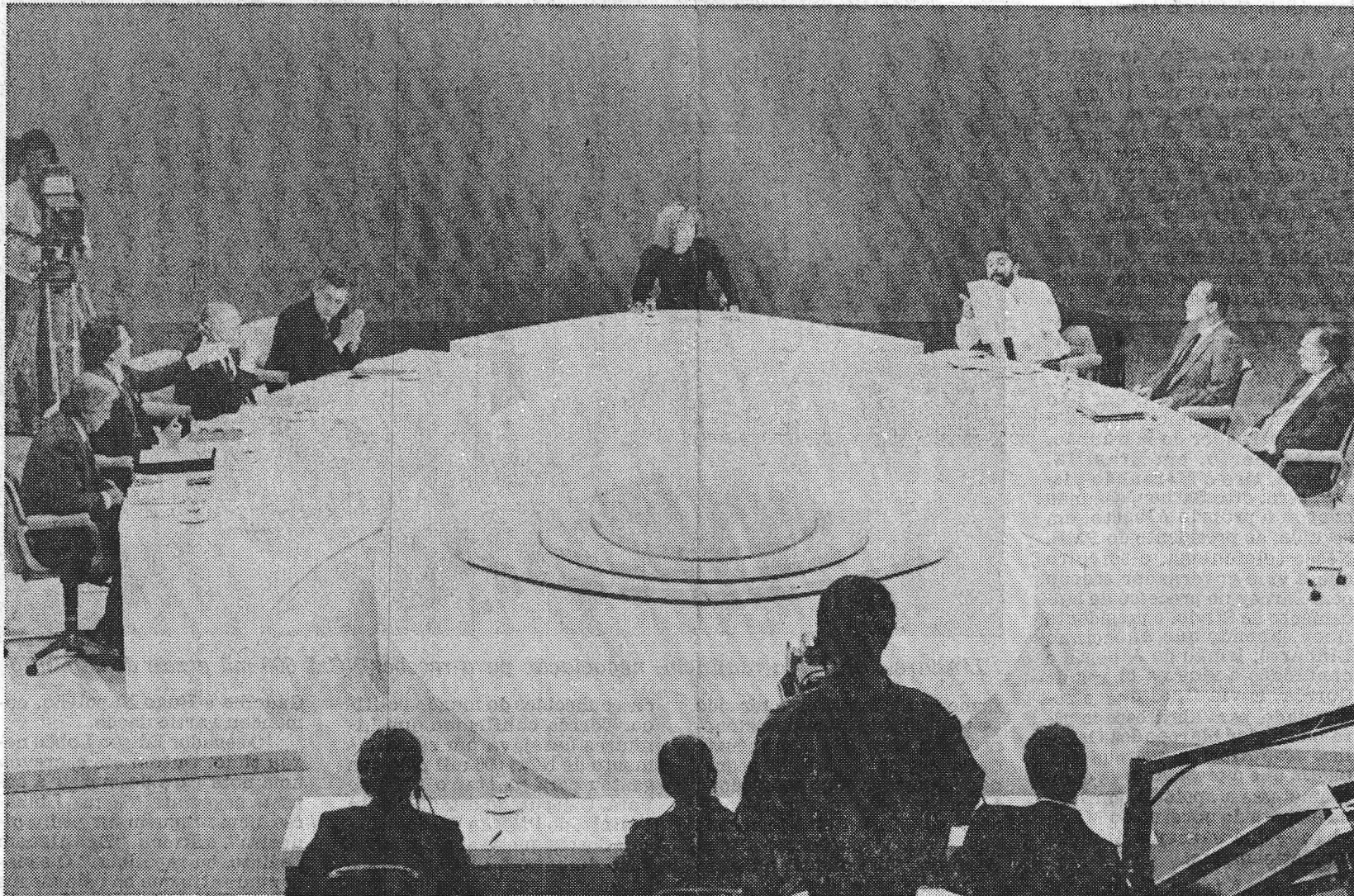
Foram duas as preocupações que pairaram sobre os sete candidatos presentes ao último debate antes do primeiro

turno das eleições, realizado domingo à noite pela Rede Bandeirantes, com a participação do Estado e do Jornal da Tarde: a candidatura Sílvio Santos e a possibilidade de sair do programa com a imagem arranhada, na reta final da campanha. Após quatro horas, três candidatos superaram com êxito o teste do debate. De acordo com 550 entrevistas realizadas ontem, na Grande São Paulo, pelo Departamento de Pesquisa da Bandeirantes, o candidato do PSDB, Mário Covas, venceu o debate com 33% das preferências. Paulo Maluf, do PDS, ficou em segundo lugar com 25% e Roberto Freire, do PCB, foi o terceiro colocado, com 11%. No debate anterior, Covas havia vencido com 36% contra 34% de Paulo Maluf.

Respeitoso com as regras determinadas pelos organizadores — para a surpresa de seus adversários —, Leonel Brizola, do PDT, tentou exorcizar o fantasma de Sílvio Santos na primeira chance que teve. Pediu “conselhos” a Roberto Freire, do PCB, e destilou críticas sob o argumento de que o País “interior” estava à espera dos “comentários mais sinceros e drásticos contra essa violência”.

Estava, de fato, à espera da chance de comentar a resposta. “Tudo isso é uma farsa.” Voltou ao assunto em três outras oportunidades, uma das quais longe das câmaras. Ainda durante o debate, fez as críticas quando o diretor de jornalismo da Rádio Bandeirantes, José Paulo de Andrade, fez a pergunta mais esperada da noite: “Por que a candidatura Sílvio Santos incomoda?”

Outra, quando se emocionou com o próprio discurso final e afirmou, pela primeira vez em toda a sua campanha, que não é preciso votar nele para mudar o País. “Escolhe entre nós, aqui, aquele que você considera capaz de pronunciar o não que tu tens



Sérgio Amaral/AE

Último debate antes do primeiro turno: bom comportamento e preocupações com Sílvio Santos

abafado no peito.” No fim, já em pé para ir embora, prometeu que, se eleito, vai fazer com o Sistema Brasileiro de Televisão, o SBT de Sílvio Santos, os mesmos exames que já prometeu contra a Rede Globo a respeito das concessões de canais.

Pelos preparativos realizados nas vésperas do debate nos escritórios de cada candidato, o senador Mário Covas estava eleito para ser o alvo principal. A exceção era Ronaldo Caiado, do PSD, cuja mira esteve voltada para Luiz Inácio Lula da Silva, do PT — e o cartucho principal continuava sendo o chamado “caso Lubeca”. No debate anterior, Caiado abalou a candidatura de Lula com a denúncia de que a Prefeitura de São Paulo teria aprovado obras da Lubeca em troca de dinheiro para a campanha presidencial do PT.

Disposto a uma nova briga, o candidato do PSD requisitou 20 convites que pretendia distribuir aos seus segurancas particulares. Recebeu 12 convites, como os demais candidatos, para distribuir a quem quisesse — mas dois de seus segurancas foram convidados a se retirar da emissora em virtude do porte de arma detectado por agentes da Polícia Federal.

Quanto a Mário Covas, o candidato do PL, Guilherme Afif Domingos, foi quem mais seguiu os conselhos dos coordenadores da campanha. “Afif perdeu votos para o Covas no debate anterior e precisamos bater no próprio Covas para recuperá-los”, afirmou o deputado Ricardo Izar antes de começar o programa. Afif entrou numa discussão sobre ética com o senador, tratou o adversário

por “você” e recebeu respostas em “Vossa Excelência”. O pano de fundo da troca de farpas foi o programa gratuito que o PSDB montou com cenas do debate anterior.

“Onde está a sua ética, Covas? Onde está a sua coerência, Covas?”, perguntou Afif. “É engraçado, passa o tempo e as pessoas não mudam”, começou o senador, para terminar com uma referência às baixas notas tiradas pelo deputado no livro do Diap em relação aos direitos trabalhistas: “Tenho uma cara, mas se tivesse várias, todas teriam vergonha e nenhuma seria a cara de um omissa”.

Na resposta de Covas, o senador citou que Afif começou na política como secretário do governador Paulo Maluf. Foi suficiente para que o candidato

do PDS conseguisse um minuto para a defesa numa parte do debate que não o citava “criticamente”, conforme as regras — e revelasse sua estratégia de também atingir a candidatura tucana. Criticou a montagem do programa gratuito e culpou o senador pela proibição, na noite de domingo, da entrada de equipes particulares de cada candidato.

Covas protestou com as câmaras ligadas — e no intervalo recebeu o apoio de três assessores de candidatos adversários. O deputado José Dirceu, do PT, o assessor Tibério Canuto, do PCB, e o vice-prefeito do Rio, Roberto D’Ávila, do PDT, levantaram do chão, onde estavam sentados juntos, para questionar Fernando Mitre, organizador da Bandeirantes, sobre a mudança do jogo, de olho em fu-

Diário da campanha

O líder do PDT na Câmara dos Deputados, Vivaldo Barbosa, tentou localizar, por telefone, o deputado Luís Salomão (PDT-RJ), num dos intervalos do debate de anteontem. Salomão foi citado por Guilherme Afif Domingos, como um dos pedetistas que apoiou o veto do presidente José Sarney ao artigo que exigia um prazo para filiação partidária, o que permitiu a candidatura Sílvio Santos. Com o sumiço de Salomão, Brizola ficou sem resposta e foi obrigado a engolir a acusação de Afif.



turas possíveis exceções — e no segundo turno das eleições.

No mesmo intervalo, os jornalistas Ênio Pesce e Carlos Brickman, assessores de Maluf, não deixaram por menos: foram ao candidato dar um puxão de orelha. “Não precisa adotar esse tom. Não é bom”, comentou Pesce com Brickman ao voltar para a platéia.

Conhecido pela desfaçatez com que responde às críticas dos adversários, Maluf não se abalou quando Covas afirmou que o novo presidente, além de competente (conforme slogan do PDS), precisa ser sério. Maluf, que estava sob o olhar de Covas, fez que não era com ele. “Acho que o Covas estava declarando seu voto para mim”, rebateu pouco antes de sair de cena.

“Foi um debate sério”, considerou Freire ao resumir a opinião dos demais candidatos presentes. Desta vez, a anarquia ficou do lado de fora dos estúdios — mas foi por pouco. O diretor de teatro Cacá Rosset tentou lançar, ao vivo, a candidatura de Ubu, um personagem interpretado por ele mesmo. Foi barrado por segurancas e convidado a se retirar. Lá fora, as “ubuzetes”, em trajés mínimos, tentaram assediar Brizola, já vitimado no aeroporto por um beijo recheado de batom vermelho na bochecha esquerda. O sinal resistiu até chegar aos estúdios da emissora, à mão do candidato e ao seu lenço — o que o forçou a uma estratégica parada no banheiro para lavar o rosto antes do debate.